

SOUSA FILHO, Sinval Martins de (2010). *Aspectos morfossintáticos da língua Akwẽ-Xerente (Jê)*. Jundiá: Paco Editorial. Pp. 214. ISBN 978-85-63381-00-2.

Este trabalho de Sinval Martins de Sousa Filho é resultado de sua tese de Doutorado *Aspectos morfossintáticos da língua Akwẽ-Xerente (Jê)*, defendida na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás em 2007. Atualmente é professor da referida Universidade. Sua pesquisa de campo foi realizada no período de 2003 a dezembro de 2006 na sociedade Xerente ou Akwẽ,¹ da família linguística Jê, dos Postos Indígenas Xerente e Funil, no município de Tocantínia (Estado de Tocantins). Ao todo são 32 fitas cassete contendo registros de expressões orais, formas de diálogos espontâneos, narrativas de mitos, músicas, discursos formais e questionários aplicados para elicitar dados.

Seu objetivo no presente trabalho foi descrever os principais aspectos da gramática da língua Akwẽ-Xerente (Jê), proporcionando meios para a continuidade das pesquisas na língua, além de oferecer uma contribuição de conhecimento linguístico para auxílio na formação de professores indígenas das escolas Xerente.

Sem dúvida as pesquisas de Sousa Filho contribuem também para os estudos da Linguística e das línguas indígenas brasileiras ao apresentar resultados que possibilitam estudos comparativos das línguas da família Jê. Encontram-se neste livro muitos dados linguísticos (numerados até 872) que, apesar de sua forma de apresentação – com sombreamento em tons de cinza (o que não é muito prático ou pode trazer algum problema de visualização), se constituem de valor inestimável para as pesquisas na língua e para a linguística tipológica. Esse grande número de exemplificações é uma importante contribuição que contempla os objetivos propostos pelo autor. Entretanto lembra Sousa Filho, citando Hymes (1994), que este trabalho de documentação, descrição e análise da língua Xerente constitui um pequeno recorte da comunidade de fala a que pertence o ser Akwẽ (p.17).

Mostra o autor que os estudos descritivos sobre a língua Xerente são ainda incipientes, o que justifica também sua preocupação em documentar e descrever essa língua.

Após uma breve introdução, na qual o autor apresenta seu trabalho, o livro organiza-se em quatro seções: capítulo 1) *Romwasku Kturêki*; capítulo 2) Estudos sobre a língua Akwẽ; capítulo 3) Delimitação morfossintática das classes de palavras em Akwẽ - Xerente (Jê) e capítulo 4) Aspectos da sintaxe Akwẽ. Seguem-se breves considerações finais que sintetizam o que foi apresentado anteriormente e, então, as referências bibliográficas.

Em *Romwasku Kturêki* – notas breves (p.23 a 49), o autor apresenta inicialmente fatos relacionados à história Xerente que, como sugere, estão em grande parte associados diretamente aos registros históricos dos Xavante (tanto que se postula que as duas sociedades tiveram uma origem comum e outrora constituíam um só povo).

¹ Nome de autodenominação desse povo e, segundo o autor, o nome Akwẽ pode ser traduzido para o Português como 'o que está acima de todas as coisas', 'o mais notável', 'o que é humano, gente' (p.37).

A primeira área denominada Terra Indígena Xerente foi demarcada em 1972 com 167.542 hectares; e a segunda, contígua a primeira, denominada Terra Indígena do Funil, foi demarcada em 1988 com 16.000 hectares (segundo Guimarães 1996, apud Sousa Filho 2010, p. 26). Atualmente são 54 aldeias com aproximadamente 3100 pessoas distribuídas nas duas áreas demarcadas. Um mapa de localização de Tocantínia, onde se situam as Terras Indígenas Xerente e Funil pode ser visualizado na p. 27.

Ainda neste primeiro capítulo há um interessante diálogo com a Antropologia ou talvez melhor dizendo, com a Linguística Antropológica, no qual são feitos apontamentos sobre aspectos antropológicos dos Akwẽ-Xerente tratando sobre sua organização social e as imbricações desta com aspectos linguísticos.

Este povo se organiza em duas metades exogâmicas regidas por um sistema de clãs patrilineares. As duas metades são: i) Wahirê – a qual se vinculam os clãs Wahirê (ou Wairê), Krozakeisaptore (ou Krozakekrarê, Krozoketmoprurê, Krozakeisurê ou Krozake), Krozaketopa (ou Itopa ou Krozakeaured) e Kremprehi; e ii) Doí – a qual se vinculam os clãs Kuzâ (ou Kunmã), Kbazí (ou Isrô) e Isibdu (ou Krito) (Cf. Farias 1990, apud Sousa Filho 2010, p.27).

Mostra o autor que rituais como os de nomeação (ou nomeação) - feminino ou masculino - embora se realizem diferentemente, são mecanismos de organização social para esse povo. E ao tratar dos nomes próprios em Akwẽ-Xerente, demonstra que a base semântica para a classificação desses não é somente marcada morfológicamente, mas dependente de um contexto mais amplo incluindo fatores socioculturais. Em outros termos, essa forma especial de classificação dos nomes pessoais Xerente demonstra que a base semântica para referenciar depende de conhecimentos de mitos e crenças culturais da comunidade de fala deles.

Tendo em vista aspectos da cosmovisão Akwẽ, o autor apresenta uma descrição da classificação nominal evidenciando que o nome pessoal nesta sociedade situa o indivíduo dentro das atividades que seu clã deve desempenhar nela. O mundo é construído sob a lua (Wahirê) e o sol (Doí), os quais permissionam os indivíduos a serem Akwẽ. Os nomes pessoais entre os Xerente carregam sentidos e referências relacionando-se as metades e clãs. Essas relações a partir dos nomes de fronteiras dos clãs são apresentadas por Sousa Filho nas p. 41 a 48. Complementa, contudo, que infelizmente lhe parece que os mais jovens não têm consciência de toda essa estrutura linguística organizada a partir dessas relações.

O segundo capítulo, denominado *Estudos sobre a língua Akwẽ*, focaliza inicialmente os estudos realizados anteriormente sobre a língua. Cita o autor que estudos linguísticos propriamente acerca dessa língua foram iniciados em 1965 com o Pastor Rinaldo Mattos (linguista filiado ao Summer Institute of Linguistics) na aldeia de Porteira. Menciona brevemente trabalhos de outros autores posteriores a esse e afirma, ao final, que os estudos descritivos sobre o Akwẽ-Xerente são ainda iniciais (p.52).

Em uma outra subseção deste capítulo o autor apresenta o inventário de fones e fonemas consonantais e vocálicos da língua. Considerando estudos de Mattos (1973), Braggio (2005b), Souza (2005) e seus próprios dados, Sousa Filho propõe um quadro fonológico (que se encontra nas p. 53 e 54) para as vogais e consoantes. Como fonemas da língua são citados 12 consoantes: as oclusivas surdas ocorrem nos pontos bilabial /p/, alveolar /t/, velar /k/ e as sonoras nos pontos bilabial /b/ e alveolar /d/. As nasais /m/ e /n/ respectivamente nos pontos bilabial e alveolar. O flap /ɾ/ e as fricativas surdas /s/ no ponto alveolar e /h/ glotal; e a sonora /z/. Encontra-se ainda a aproximante /w/ no ponto bilabial.

Os fonemas vocálicos orais são as anteriores /i, e, ε/, as centrais /ĩ, ə, a/ e as posteriores /u, o, ɔ/. Ocorrem também as vogais nasais /ĩ, ẽ, õ, ã/.

No capítulo 3 – *Delimitação morfofossintática das classes de palavras em AkwĒ-Xerente (Jê)*, há uma proposta do autor de categorização das palavras em classes e subclasses a partir de propriedades estruturais e distribucionais das formas linguísticas. Para focalizar a morfologia da língua Xerente ele resenha, de maneira geral, alguns princípios teóricos que norteiam sua análise. A partir disso postula que o AkwĒ apresenta sete classes de palavras (ou categorias lexicais): nome, verbo, advérbio, pronome, posposição, conjunção e partícula. Dentre estas, aponta que as classes nome e verbo são as maiores.

O nome pode ser modificado por nomes e ou pronomes. Há duas subclasses de nomes: os da série I que são usados como argumentos ou núcleo de sintagmas nominais e os da série II que podem ser usados como argumento, modificador e predicado.

Os nomes Xerente podem ocorrer como formas livres quando desempenham função argumental em orações verbais ou nominais e também podem apresentar flexão. Há três números na língua que fazem a pluralização: singular, dual e plural e que compõem o traço flexional da categoria verbo (exemplos nas p. 61 a 64).

Tanto as marcações de número e gênero, quanto flexão ou grau, são feitas por sufixação. Em AkwĒ não há gênero gramatical e a distinção entre sexos, se necessária, se faz por palavras equivalentes a ‘macho’ e ‘fêmea’. Há, entretanto, distinção de parentesco (pai, mãe, menina, homem) e o gênero de certas entidades como sol, lua ou mesmo animais, é inferido nas narrativas (p. 64 e 65).

No caso dos nomes próprios ou pessoais, sufixos indicam nomeação de mulheres – - \emptyset , -*di*, -*ti* ou -*ki* e de homens – - \emptyset , -*mĕkwa* e -*kwa* (p. 65 e 66).

Interessante observar que o autor ressalta, ao final desse subitem sobre gênero, que há registros de vestígios de linguagens diferentes usados pelo homem e pela mulher; entretanto, frisa, citando como o faz Borges (1996) para o Karajá, que não há necessidade de coincidência entre registros de fala e gênero gramatical (p.67).

Para expressão de grau, os nomes passam por um processo de derivação para expressar o grau diminutivo ou atenuativo e também o aumentativo.

Processos de nominalização com os sufixos nominalizadores -*ze* e -*kwa* ligados a verbos são utilizados na formação de nomes em Xerente (p.71 e 72). Ao tratar de nomes compostos, Sousa Filho aponta a dificuldade de classificar as palavras como compostas em AkwĒ, pois sendo a língua aglutinante, se podem encontrar designações representadas por palavras simples, compostas, frases descritivas e até orações inteiras (p.73). De todo modo, considera as palavras compostas como representando designações a partir de significados remanescentes das palavras simples. Tais compostos realizam-se, então, em Xerente, mediante justaposição ou aglutinação de nomes simples em uma estrutura, apontada pelo autor, dentro da fórmula A+B=C. Nas p. 73 a 75 Sousa Filho apresenta distintas possibilidades dessas composições.

Encontram-se na língua diversos classificadores. Estes são clíticos que ocorrem fonologicamente apoiados: i) em nomes – onde podem ocorrer no meio da palavra ou seguindo o nome (infixo e ênclise); ii) em verbos – onde ocorrem proclíticos, antecedendo o tema verbal. Afirma também o autor que se observa em Xerente o que se denomina ‘termos de classe’, que organizam e classificam nomes. Em outras palavras, atuam nos campos semânticos de referência na língua e possuem posição de ocorrência mais livre que a dos classificadores.

Em relação ao sistema pronominal o trabalho mostra que além da restrição distribucional, os pronomes diferem do nome por apresentarem uma classe fechada e reduzida de itens lexicais, ou seja, o conjunto de pronomes tem um número fixo e reduzido de elementos que são utilizados por todos os falantes. Esse sistema compõe-se de duas séries: os pronomes livres e os dependentes e estes últimos se subdividem em duas categorias: nominativos e absolutivos (p. 80 a 97). Um quadro com os pronomes pessoais livres em Xerente é apresentado na p. 83.

Já os prefixos pessoais são pronomes que ocorrem prefixados a um núcleo lexical (nome, verbo ou posposição). Se prefixados a nomes, exercem a função de pronomes possessivos ou Sujeito de predicado nominal (S). Quando prefixados a verbos, indicam o Sujeito de verbos intransitivos (S) ou o Objeto de verbos transitivos (O); e, junto a posições são Objetos. Várias exemplificações estão apresentadas nas p. 86 a 88.

Os marcadores pessoais na língua relacionam-se às pessoas do discurso e aos aspectos perfectivo e imperfectivo (p. 90 a 92).

O verbo na língua Xerente constitui o núcleo da locução verbal e normalmente só não ocupa a posição final da sentença se houver uma modificação circunstancial no enunciado (p. 202). Pode ser modificado por advérbios, intensificado por *wawẽ* e negado por *kõdi*. O autor propõe, para a classe de verbos, que os elementos que a caracterizam na língua ocorrem ao longo da sentença e compõem um conjunto indissociável: “Assim, as categorias modo, tempo, aspecto e pessoa são dadas na oração como um todo” (p. 98).

Além da noção de espaço também não se pode separar tempo de modo em Akwẽ. O modo é marcado por morfemas que ocupam determinadas posições na sentença em relação à forma ou constituinte verbal e se pode distinguir *realis* e *irrealis*, imperativo, interrogativo e o participio. Exemplos dessa classificação ou subdivisão encontram-se nas p. 104 a 117.

Em relação aos advérbios, Sousa Filho cita que são bastante moveis nas sentenças e podem ser deslocados para atender a um estilo que se quer utilizar ou por outros motivos, como topicalização, entoação, aspectos discursivos. Completa, entretanto, que tais situações não foram possíveis de serem ainda analisadas e que sua apresentação dos tipos de advérbios na língua: modo, lugar, tempo, afirmação ou negação e maneira ou intensidade, é uma proposta a estudos futuros (p.119 a 124).

Para relacionar as conjunções na língua Xerente considera as definições de Câmara Jr (1986, p.81) e de Crystal (2000, p.61)². Cita que há distinção entre as conjunções que conectam sintagmas nominais e sentenças complexas, mas para sua análise neste trabalho considera apenas as sentenças simples. Um quadro reproduzido abaixo (número 7 no original apresentado nas p.126-127) mostra as conjunções em Akwẽ:

² Segundo o autor, Crystal (2000) oferece a mesma definição de Câmara Jr: “as conjunções são vocábulos gramaticais que, como conectivos estabelecem – a) uma coordenação entre duas palavras ou duas orações, b) uma subordinação entre orações”; porém acrescentando: “existe uma subclassificação convencional destes itens ‘conectivos’ distinguindo as conjunções COORDENATIVAS (e, ou, mas, etc.) das conjunções SUBORDINATIVAS (porque, quando, embora, etc.)” (Sousa Filho, 2010, p. 124).

Tipo de conjunção	Conjunção	Significado
Aditiva (em sintagmas nominais)	kãto	'e'
Aditiva (em sentenças complexas)	are	'e'
Adversativa	are	'mas'
Conclusiva	tanẽnmẽ tanẽwa twa	'assim' 'consequentemente, assim'
Explicativa	nmẽ, wa	'porque'
Concessiva	nãre	'embora, mesmo que'
Conformativa	prabi	'conforme'
Temporal	wa pari tanẽsnã	'quando' 'depois que' 'enquanto'
Alternativa (em sintagmas nominais)	bi	'ou'
Alternativa (em sentenças complexas)	tenẽkõa	'ou'

As posições em Xerente são “palavras usadas para relacionar nomes e suas funções nos sintagmas nominais, verbais e mesmo posposicionais; formando, então, com os nomes uma unidade de acento. Na unidade de acento, a posposição rege o nome que a antecede” (p. 127). Elas indicam tempo, razão, destino, lugar, procedência; podendo ser classificadas em duas classes morfológicas: i) as que podem ser flexionadas (classe 1) – ocorrem com pronomes e nomes e, ii) as que não admitem flexão (classe 2). Um quadro síntese na p. 130 apresenta as posições da língua Akwẽ.

O autor considera ainda nesta seção, um número reduzido de palavras que aponta como ‘partículas’ na língua. Estas podem ser agrupadas a partir da posição que ocupam na sentença em: i) intra-sentenciais – partículas flutuantes; partículas que precedem verbos e nomes; partículas de primeira posição; de segunda (terceira) posição; partículas finais e ii) extra-sentenciais – partículas interjeitivas (p. 131 a 140).

O capítulo 4, *Aspectos da Sintaxe*, se inicia com a definição de sintaxe presente em Câmara Jr (1972:14):

é “a parte da gramática que estuda as seqüências frasais, isto é, aquelas em que um valor lingüístico associativo, não interfere e não entra em conflito com o valor sintagmático que a sucessão das formas determina” (apud Sousa Filho 2010, p. 142).

Segundo Sousa Filho, essa definição é adequada a sua proposta neste trabalho e, a partir disso, apresenta a constituição dos sintagmas: nominais, verbais, adverbiais e os posposicionais em Akwẽ. Exemplos nas p. 142 a 144 demonstram que em Xerente o sintagma nominal pode ser constituído de um núcleo nominal (nome ou pronome) obrigatório e de elementos periféricos opcionais. Já o sintagma verbal é formado pelo verbo e seus complementos (exemplos encontram-se nas p. 150 e 151). Em relação aos sintagmas adverbiais, cita o autor, que são em um número bastante reduzidos, pois funcionam normalmente como modificadores dos sintagmas verbais ou de sentenças da língua. E, finalmente os posposicionais ocorrem quando uma posposição rege um sintagma nominal, o qual é composto por nome ou pronome (p.152-153).

Segue-se, então, a descrição e análise de predicados nominais e verbais da língua, focalizando os predicados independentes ou simples. A seção se inicia clareando as definições de sintagmas e orações ou sentenças que o autor considera para sua análise. A partir dessa introdução, são apresentados os tipos de predicados nominais na língua:

a) equativos – nos quais se utiliza o morfema copula *to* entre dois nomes (ou nome e pronome), sendo o primeiro deles o argumento e o segundo o predicado propriamente dito, como neste exemplo de número 550 da p. 155 reproduzido abaixo:

(550) *Sinval* *to* *rɔwahtukwa*
 N. Pes COP professor
 ‘Sinval é professor’

b) existenciais – compõem sentenças que mostram a existência de alguma entidade e tipicamente, segundo o autor, requerem uma posposição locativa ou o morfema predicativo *-di* ou ainda ter como núcleo do predicado um quantificador (p.156 - 157).

c) possessivos – dependem da valência dos nomes para se caracterizarem.

d) locativos – situam o argumento em um lugar e tem por predicado um sintagma posposicional ou um advérbio locativo.

e) atributivos ou predicativos – são chamados de atributivos os predicados que fazem a atribuição ou realizam a oração intransitiva nominal. A apresentação e discussão desses predicados estão nas p. 158 a 167 e cabe observar que Sousa Filho frisa, ao longo dessas páginas, várias questões referentes a ocorrências dessa função predicativa que ainda permanecem abertas e necessitam de outros esclarecimentos. Entretanto concordo com ele que o assunto é complexo, mas realmente intrigante.

Quanto aos predicados verbais (p. 167 a 175), estes podem ter um, dois ou três argumentos, podendo coocorrer com outros verbos em construções seriais; incorporar posposições; ser precedidos por direcionais ou modificados por advérbios ou locuções adverbiais. De acordo com o número e o papel temático dos argumentos, são classificados na língua Xerente em quatro tipos: i) intransitivos; ii) intransitivos estendidos com dois argumentos; iii) transitivos com dois argumentos; iv) transitivos estendidos com três argumentos.

Ainda em um subitem, *Formas Supletivas* (p. 171 a 175), que se encontra também neste capítulo 4, são levantadas interessantes hipóteses para explicar o fenômeno de supletividade verbal na língua Xerente. Em sua conclusão nesta discussão, o autor afirma que a questão é complexa e que é necessário realizar outros estudos para se aprofundar nela.

Por fim, apresenta-se o sistema de casos da língua. Em Akwẽ ocorrem as seguintes funções casuais (17 ao todo): nominativo, absolutivo, partitivo, ergativo, dativo, vocativo, comitativo, instrumental, ablativo, elativo, alativo, ilativo, inessivo, abessivo, adessivo, malefactivo e benefactivo. A língua Xerente opera com dois padrões de casos gramaticais: o nominativo-absolutivo e o ergativo absolutivo (p. 184 a 195). Sousa Filho afirma que de acordo com Grannier (2002), o nominativo-absolutivo marca S = A e S = O, sendo que A ≠ O (p. 189). Nesta língua, o nominativo-absolutivo se caracteriza pelo comportamento do sujeito dos verbos intransitivos. Há, entretanto, uma cisão do caso nominativo-absolutivo desencadeado pela mudança circunstancial na sentença, isto é, quando o verbo é modificado por advérbios ou por palavras ou orações modificadoras, o alinhamento ergativo-absolutivo é acionado (p. 192 et seq.).

O que se observa ao final destes quatro capítulos é uma visão geral da língua grandemente enriquecida pelas diversas exemplificações ao longo do texto.

Em termos de editoração, a obra tem alguns problemas com numeração dos subitens; alguns erros de indicação numérica de dados; pelo menos uma abreviação (CONT, p. 70 / exemplo 91) não se encontra na listagem das p. 13 a 15. São alguns detalhes que precisam ser corrigidos em futuras edições.

Há que se ressaltar, entretanto, mais uma vez, a importância desse estudo de Sinval de Sousa Filho sobre a língua AkwĒ -Xerente; cujo resultado representa uma significativa contribuição para os estudos da língua Xerente, para as línguas da família Jê e para a linguística indígena brasileira como um todo.

REFERÊNCIAS

- BORGES, M. V. (1996). *As falas feminina e masculina no Karajá*. Dissertação de mestrado em Letras e Linguística. Goiânia: UFG.
- BRAGGIO, Silvia. L. B. (2005b). Revisitando a fonética/fonologia da língua Xerente AkwĒ: uma visão comparativa dos dados de Martius (1866), a Maybury-Lewis (1965) com os de Braggio (2004). *Signótica* 17(2): 274.
- CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso (1972). *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.* Seleção e introdução por Carlos E. F. Uchoa. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- _____. (1986). *Dicionário de linguística e gramática: referente a língua portuguesa*. 13 ed. Petrópolis: Vozes.
- CRYSTAL, David (2000). *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- FARIAS, Agenor J. T. (1990). *Fluxos sociais Xerente – organização social e dinâmica entre as aldeias*. Dissertação de mestrado em Antropologia. São Paulo: USP.
- GRANNIER, Daniele M. (2002). *Aspectos da morfossintaxe do Guarani Antigo*. Tese de doutorado em Linguística. Maceió-AL:UFAL.
- GUIMARÃES, Susana M. G. (1996). *Aquisição da escrita e a diversidade cultural: a prática do professor Xerente*. Dissertação de mestrado em Educação. Brasília: UnB.
- HYMES, Dell (1994). *Foundations in sociolinguistics – an ethnographic approach*. 9ª ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- MATTOS, R. de (1973). *Fonêmica Xerente*. Brasília: SIL. (Serie Linguística 1)
- SOUZA, Shelton L. (2005). Fonologia Segmental da Língua Xerente. In *Simpósios Integrados de Letras – Linguagem: múltiplos olhares*. Goiânia, 05 a 07 de outubro de 2005. Goiânia: UFG.

Solange Aparecida Gonçalves
(PG- IEL/UNICAMP)

Recebido: 11/8/2010

Versão Revista: 24/8/2010

Aceito: 31/8/2010.